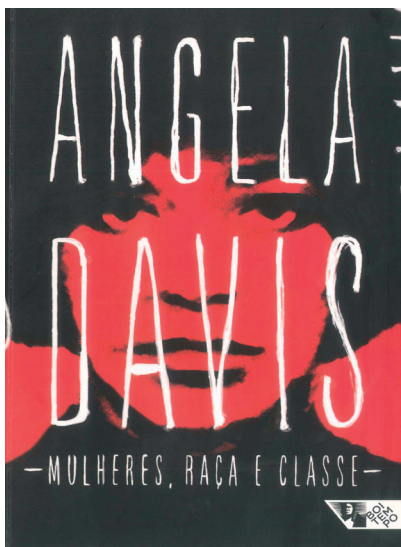


Mulheres, raça e classe / *Women, race and class*

CLAUDIO VICENTE DA SILVA¹

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

M*ulheres, raça e classe* é um livro múltiplo. Trata da mulher negra norte-americana e o que falta ser entendido e repensado em sua história. Lançado originalmente em 1981, Angela Davis lamenta a falta de um bom livro que aborde o tema. Explica equívocos, como o de historiadores que assemelham a condição da mulher negra à da mulher branca. Avalia visões impregnadas na história do negro americano: a família matriarcal, o mito do negro estuprador de brancas e a imagem da mulher negra como promíscua. Para ela, a história da mulher negra precisa ser recontada.



Buscando uma compreensão da situação da mulher negra no período escravista, Angela afirma que sua condição é mais semelhante à do homem negro escravizado do que da mulher branca livre. No trabalho da lavoura, a mulher negra era tratada e se exigia dela o mesmo

1 Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab), historiador, especialista e Políticas Públicas e Gênero e Raça e mestrando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB).

que do seu companheiro. Mas, além disso, precisava ser esposa, mãe e dona de casa no tempo adicional.

Era um tratamento de brutalidade igualitária, que chegava a ser mais desumano para as mulheres, uma vez que estas sofriam de frequentes abusos sexuais e outros maus tratos específicos para o corpo feminino.

Analisando sem pudor a situação da mulher escravizada, Angela Davis afirma que o estupro foi inserido no sistema de produção capitalista como ferramenta de trabalho. Pois tratava-se de uma “expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras”. (2016, p. 20).

Neste sentido, algo de extrema importância, no livro de Davis, sobre a condição feminina é sua exposição de que a crueldade de gênero que as mulheres sofriam não destoa ou entra em conflito com o sistema capitalista. Ela demonstra que a violência contra a mulher, os estupros e o escravismo em geral são parte harmônica das engrenagens do sistema, onde o escravizado é tratado como mercadoria e a mulher, como uma mercadoria ainda mais valiosa. Ela produz tanto quanto o homem e ainda presta serviços sexuais e gera filhos, que serão novos escravizados.

Em se tratando da organização familiar, os homens eram desencorajados da função de provedores ou chefes de família, para evitar conflitos no comando do feitor sobre o grupo de escravizados. Por outro lado, a mulher não era tratada como “dona de casa” ou como “sexo frágil”, mas trabalhava ao lado dos homens nas plantações, sendo exigida dela a mesma produtividade. Mesmo para mulheres grávidas ou mães de recém-nascidos a exigência era brutal e o chicote era usado sem distinção.

Tratando do valor da força do trabalho feminino, Davis repete exemplos citados por Karl Marx, em que mulheres eram usadas para puxar peso em lugar de cavalos na Inglaterra da revolução industrial, como ocorria no escravismo norte-americano. Nos dois, a vida de uma mulher valia menos que a de um cavalo.

Devido a esse tratamento brutal, Davis questiona a tese corrente à época de que haveria um poder feminino nas famílias escravizadas,

que seria um matriarcado. Para a autora haveria mais uma igualdade sexual na família escravizada. Era uma igualdade que não ocorria nas famílias brancas, onde a mulher mudou radicalmente o seu papel familiar após 1830, momento em que se disseminou a ideia de que lugar de mulher é em casa.

Davis aponta o racismo nas lógicas construídas na história negra norte-americana. Diz que quando se justifica um matriarcado da família escravizada, desvaloriza-se a existência de um equilíbrio saudável entre homens e mulheres, anterior à propriedade privada.² Quando se atribui a um impulso sexual o estupro que as mulheres negras sofriam dos proprietários, individualiza-se a questão e se despolitiza o estupro, que era usado como arma de dominação capitalista.

Com isso, não somente se questiona a história da mulher negra como é contada, mas também a situa dentro do sistema capitalista. A história da mulher negra, portanto, é um questionamento ao próprio sistema capitalista e ao discurso colonizador que mantém a família e a mulher negra subjugadas, travestindo elementos políticos em contextuais.

Diferenciando a história da mulher negra e branca nos Estados Unidos, Davis detalha a situação do pós-guerra, em que políticos ligados aos capitalistas do norte cediam às pressões para estender o direito de voto aos homens negros e associações de mulheres brancas foram contra. Tratando o direito de voto à mulher branca, tais grupos temiam, acima de tudo, ocupar uma posição social pior que a dos homens negros.

Após a emancipação, trabalhadoras negras foram empurradas para serviços domésticos, demonstrados como uma outra forma de escravidão. Com a superexploração e abusos sexuais rotineiros, a força de trabalho da mulher negra era frequentemente associada a servir aos brancos. O racismo, segundo Davis, estava intrincado ao serviço doméstico.

Como o trabalho doméstico sempre mostrou condições desumanas e os piores salários, as mulheres negras, que são a maioria neste

2 Citando Engels, em *Origem da família, da propriedade privada e do Estado* (2016, p. 227), Davis afirma que tendemos a naturalizar nossa desigualdade sexual, mas que ela não existia, como conhecemos hoje, antes do surgimento da propriedade privada.

trabalho, têm o pior de todos os trabalhos. Davis cita Du Bois quando este afirma que o trabalho doméstico é um odioso emblema da escravidão e do medievalismo.

Tratando dos movimentos de mulheres, Davis afirma que, no final do século XIX, a Federação das Associações de Mulheres contava com mais de vinte mil associadas. No entanto, eram associações de mulheres brancas e abertamente racistas. Pelas dificuldades impostas pelo racismo nessas associações, Ida Wells criou a primeira associação exclusivamente dirigida por mulheres negras, a União de Lealdade Feminina. Esta associação foi muito relevante por iniciativas que tomou contra as leis que autorizavam os linchamentos públicos no país, quase exclusivamente voltado para negros.

Para além das questões trabalhistas, o racismo criou um sistema judiciário injusto e cruel para com a população negra. Davis afirma que mais de 90% das pessoas presas por estupro no período estudado eram negras. Grande parte destas, eram homens negros acusados de estuprar mulheres brancas. Muitos foram vítimas de acusações falsas de estupro, o mito do negro estuprador, poderosa arma do racismo estadunidense.

Estes homens, frequentemente, como punição, sofriam linchamento público, realizado por gangues de brancos. A autora lamenta que mesmo a literatura sobre o assunto está, em geral, contaminada pelo racismo, a ponto de explicar impulsos animais do negro em dominar uma mulher branca.

Por outro lado, mulheres negras, no mesmo período, eram estupra- das por gangues de brancos racistas e sequer conseguiam registrar o fato, vítimas da visão racista de que seriam “mulheres fáceis” ou prostitutas.

Porém, talvez a consequência mais perversa das acusações falsas de estupro tenha sido a impotência da comunidade negra em defender a pessoa acusada, levando, em seu limite, a solidariedade desta com seu patrão opressor branco, demonstrando-se como arma de dominação capitalista da maior eficácia. Outra vez se toma como individual uma ação política coletiva: o instinto sexual de um negro para estuprar uma branca em detrimento da estratégia política de acusações falsas de estupro como método de humilhação pública e subjugação do outro.

Davis afirma que a exploração sexual que vitimiza a mulher negra, junto ao mito do negro estuprador reforçam ainda mais o racismo e o sexismo, servindo de justificativa à falta de direitos, salários baixos e exploração econômica. Alegando que esses fenômenos não podem ser analisados isoladamente, afirma que, no momento em que escreve o livro, descendentes de mexicanos e indígenas estão sofrendo as mesmas acusações do que se chamou “epidemia de estupros”. Usadas contra minorias, essas estratégias são altamente eficazes para subjugar o outro e justificar a violência e o racismo.

Com solidez nos dados e reforçada por fatos históricos, Angela Davis demonstra que a opressão da mulher negra é elemento intrínseco da produção social da desigualdade como força do capitalismo. Usados para enfraquecer a base da pirâmide, o racismo e o sexismo são ferramentas poderosas do sistema, justificando a pobreza e a desigualdade que enriquecem o topo da pirâmide. Não havia contradição entre escravismo e capitalismo, como não há em pobreza, racismo, sexismo, xenofobia e capitalismo. São engrenagens harmônicas do sistema.